



**H**á cerca de cinquenta anos, a senhora Gage, uma viúva já de certa idade, vivia numa pequena casa de campo, em Spilsby, uma vila no condado de York. Apesar de ser coxa e bastante pitosga, estava sentada a remendar, o melhor que podia, um par de tamancos, pois dispunha apenas de uns míseros xelins por semana para sobreviver. Enquanto martelava um dos tamancos, o carteiro abriu a porta e atirou-lhe para o colo uma carta. No remetente, dizia: Srs. Stagg & Beetle, Solicitadores, 67 Hight Street, Lewes, Sussex.



A senhora Gage abriu a carta e leu:

«Estimada senhora:

É com grande pesar que comunicamos o falecimento do seu irmão, o senhor Joseph Brand.»

— Louvado seja Deus! — exclamou a senhora Gage. — O meu velho irmão Joseph lá partiu finalmente!



«O senhor Brand deixou-lhe em testamento todos os seus bens», prosseguia a carta, «dos quais constam uma casa, um estábulo, várias treliças para pepinos, calandras, carrinhos de mão, etc., etc., na aldeia de Rodmell, perto de Lewes. Legou-lhe, de igual modo, a totalidade da sua fortuna; a saber: £3000 (três mil libras esterlinas).»

A senhora Gage quase caiu dentro da lareira, de tanta alegria. Não via o irmão há muitos anos e, como ele nunca se dignara a responder aos cartões de Boas-Festas que lhe enviava todos os Natais, a viúva convencera-se de que a avareza que tão bem lhe conhecia desde a infância o impedia de gastar um centavo que fosse num selo. Mas, no fim, ela é que saíra a ganhar. Com um pé de meia de três mil libras, para não falar da casa, etc., etc., ela e a família poderiam viver à larga o resto dos seus dias.

A senhora Gage decidiu partir para Rodmell quanto antes. O pároco da vila, o reverendo Samuel Tallboys, emprestou-lhe duas libras e dez xelins para o bilhete, e, no dia seguinte, estava tudo a postos para a viagem. O mais importante foi arranjar quem lhe tomasse conta do cão, o *Shag*, durante a sua ausência, porque, apesar de pobre, a senhora Gage era dedicada aos

animais e, muitas vezes, preferia passar ela necessidades a privar o cão do seu osso.

Chegou a Lewes na terça-feira à noite, já tarde. Devo dizer que, naquele tempo, não existia nenhuma ponte em Southease, nem tão-pouco fora ainda construída a estrada de Newhaven. Para chegar à aldeia de Rodmell tinha de se atravessar o rio Ouse por um vau, de que ainda subsistem vestígios, mas só era possível fazê-lo na maré baixa, quando as pedras no leito do rio afloravam a superfície. O senhor Stacey, o lavrador, ia a caminho de Rodmell na sua carroça e ofereceu amavelmente boleia à senhora Gage. Chegaram por volta das nove horas, numa noite de novembro, e o senhor Stacey logo se prontificou a indicar à senhora Gage a casa que o irmão lhe havia deixado, situada no extremo da aldeia. A senhora Gage bateu à porta. Não obteve resposta. Tornou a bater. Uma voz muito estranha e esganiçada berrou então: «Não está ninguém!» A senhora Gage ficou tão assarapantada que, se não tivesse escutado o som de passos a aproximarem-se, teria fugido a sete pés. No entanto, quem abriu a porta foi uma velhota da aldeia, de seu nome senhora Ford.

— Quem é que guinchou «Não está ninguém!»?  
— perguntou a viúva.





— Aquele maldito pássaro! — respondeu a senhora Ford, irritada, apontando para um enorme papagaio cinzento. — Dá-me conta do juízo com a berraria. Passa o dia ali empoleirado que nem um mono e, sempre que alguém se aproxima, põe-se a guinchar: «Não está ninguém!»

Era um pássaro muito bonito, como a senhora Gage pôde constatar, mas tinha a plumagem lamentavelmente maltratada.

— Talvez esteja infeliz ou com fome — observou a viúva.

Mas a senhora Ford garantiu que o papagaio tinha simplesmente mau feitio; pertencera a um marujo e aprendera a falar no Oriente. Contudo, acrescentou que o senhor Joseph se afeiçoara muito ao pássaro, pondo-lhe o nome de *James*, e que, pelo que se dizia, conversava com o papagaio como se ele fosse um ser racional. Pouco depois, a senhora Ford abalou. A senhora Gage retirou do seu baú de viagem um pouco de açúcar que levava consigo e ofereceu-o ao papagaio dizendo-lhe, num tom muito afável, que não queria fazer-lhe mal, que era irmã do seu antigo dono, que viera tomar posse da casa e que não pouparia esforços para que ele



